

PROJETO DE PESQUISA DE PÓS-DOCTORAMENTO EM LINGUÍSTICA

TÍTULO DO PROJETO:

Isoglossas da fala goiana na fronteira Goiás–Bahia

Proponente: Daniel Marra da Silva

Supervisor: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani (FL/UFG)

Goiânia/2013

1. Introdução

A Geografia Linguística é um campo de conhecimento linguístico cujos primeiros estudos remontam a Georg Wenker (1852-1911), final do século XIX, na Alemanha. O foco dos esforços de Wenker estava na rica variação que caracterizava a língua alemã. Buscando apreender essa enorme variedade dialetal, ele enviou quarenta enunciados contendo palavras que variavam, dependendo da pronúncia local, para centenas de professores de vilas alemãs que as responderam, criando assim um banco de dados que ainda nos dias atuais existe em *Marburg*.

No ano de 1896, o suíço Jules Gilliéron (1854-1956) organizou e dirigiu o projeto que resultou na publicação do *Atlas Linguistique de la France*, entre os anos 1902 e 1910. Gilliéron acreditava que seria possível alcançar as mais precisas e consistentes representações das falas dos informantes da época se um único pesquisador de campo com bom treinamento fonético entrevistasse os sujeitos e transcrevesse suas falas foneticamente. Dessa forma, enviou Edmond Edmont em sua bicicleta por várias cidades francesas. No final de um período de quatro anos, Edmont completou o questionário de 200 questões, com 700 informantes, e o *Atlas* foi publicado.

Os ex-alunos desses eminentes estudiosos, Jacob Jud (1882-1952), Karl Jaberg (1877-1958) e Paul Scheuermeier (1888-1973), entre outros, foram os responsáveis pelo volumoso *Atlas linguistique et ethnographique de l'Italie et de la Suisse méridionale* (JABERG & JUD, 1928-1940) (cf. KOERNER (2002, p. 261). No ano de 1931, Jacob Jud e Paul Scheuermeier foram aos Estados Unidos para treinar estudantes americanos em estudos dialetológicos. Esse projeto foi uma iniciativa do austríaco, radicado nos Estados Unidos, Hans Kurath (1891-1992) e foi subsidiado pelo *American Council of Learned Societies*. Um dos jovens estudantes que participaram do curso foi Raven I. McDavid (1911-1984), que mais tarde colaborou com o projeto do *Linguistic Atlas of New England*, editado por Kurath (1943).

A ideia original do Atlas Linguístico Americano era produzir um dicionário de dialetos. Os estudiosos envolvidos se reuniram em Cambridge, Massachusetts, em 1889, onde formaram o *American Dialect Society*. Trinta anos depois, embora não tivessem chegado a publicar o dicionário, haviam coletado um número acima de 26.000 palavras. As pesquisas do Atlas linguístico americano, que tiveram início com Kurath em 1931,

culminaram com a publicação em 2006, do *Atlas of North American English* liderado por William Labov.

Segundo Aragão (s/d), no Brasil, foram pioneiros os estudos de Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes, entre outros. Serafim da Silva Neto iniciou seus cursos de Dialectologia em 1951, na Universidade de Minas Gerais. Em 1958, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia publicou a 2ª edição melhorada e ampliada de sua obra “Guia para Estudos Dialectológicos”. Antenor Nascentes, outro dos precursores da Geografia Linguística no Brasil, publicou as “Bases para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, em duas partes. A primeira, em 1958, dedicada ao questionário geral e sugestões de pontos para o inquérito e a segunda, em 1961, com o questionário específico e o vocabulário piloto. Nas décadas finais do século XX, começaram a surgir alguns atlas linguísticos regionais e os estudos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil – AliB – estão avançando no início do século XXI.

Têm-se, no Brasil, falares que se diferenciam em cada Unidade Federativa. Assim como, em cada Unidade Federativa, podem ser encontradas muitas variantes normativas regionais e locais. O estado de Goiás possui uma vasta extensão territorial que faz fronteiras com estados da federação cujas características linguísticas são bastante distintas. Este projeto de pesquisa nasce com o objetivo de ver a diversidade linguística do estado de Goiás registrado e descrito como um capital cultural constitutivo da identidade linguística do povo goiano.

O projeto de *Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada em Goiás e Execução do Atlas Linguístico de Goiás*, cujas pesquisas lideradas pelo professor Sebastião Elias Milani (FL/UFG) já se encontram em estágio avançado, “pretende organizar um acervo de toda a fala dos goianos de todas as partes do estado, coletada com rigor sociolinguístico, visando a feitura do Atlas linguístico do estado”.

O presente projeto que se intitula *Isoglossas da fala goiana na fronteira Goiás–Bahia* pretende se integrar ao macroprojeto liderado pelo professor Sebastião, com o objetivo de demarcar especificamente as isoglossas da fala goiana na região fronteira com o estado da Bahia. Pretende-se traçar uma linha delimitadora da intervenção dos falares baianos no estado de Goiás, considerando-se o nível lexical e fonético. Nesse caso, buscar-se-á analisar não apenas os dados das cidades que fazem fronteira com a Bahia, mas também dados de cidades que se situam um pouco mais distantes da fronteira, visto que as isoglossas geralmente não coincidem com os limites geográficos.

2. Justificativa/ Fundamentação Teórica

De acordo com os critérios estabelecidos por Nascentes (1953), os municípios goianos que divisam com o estado da Bahia são caracterizados pelo falares baiano:

(...) o baiano, intermediário ente os dois grupos [norte e sul], abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos) (NASCENTES, 1953, pp. 25-26).

Conforme elucida Graebim (2008), algumas localidades pelas quais passa a linha traçada por Nascentes são Pirenópolis, 150 km a leste de Brasília; Santa Luzia, atual Luziânia, outra antiga cidade de Goiás, situada ao sul do Distrito Federal; e Arrependidos – lugar onde ficava o antigo Registro –, que marca o encontro da isoglossa entre os estados de Minas Gerais e Goiás.

Até a primeira publicação de *O linguajar carioca*, em 1922, na qual o mapa das isoglossas foi apresentado por Nascente, o subfalar baiano englobava Sergipe, Bahia, a parte Norte, Nordeste e Noroeste de Minas Gerais e parte de Goiás. Com a reestruturação do mapa político pela qual o Brasil passou na segunda metade do século XX, o dialeto baiano atualmente inclui parte do Tocantins e o Distrito Federal.

Ao averiguar as descrições linguísticas realizadas nesses Estados, verifica-se que as pesquisas dialetológicas em Goiás estão apenas começando, enquanto que, em outros Estados, como Bahia, Sergipe e Minas Gerais, já foram concluídos atlas linguísticos.

Para os historiadores Chauvet (2005, p. 116) e Bertran (1994, p. 58), o Estado de Goiás recebeu habitantes provenientes de três caminhos distintos: (i) por meio das entradas Sul-Norte, pelas quais vieram portugueses e espanhóis em busca de ouro e mão de obra indígena; (ii) pelas rotas Norte-Sul, de onde chegaram nordestinos, franceses e portugueses à procura de ouro; e (iii) pelas entradas Leste-Oeste, que trouxeram portugueses e baianos em busca de terras para o gado.

Segundo Bertran (1994, p. 58), a ocupação da região norte de Goiás se deu entre os anos 1600 e 1725 pelas entradas Leste-Oeste, diferentemente da ocupação da região sul de Goiás, que foi predominantemente dominada por migrantes das entradas Sul-

Norte. Tais diferenças na origem e nas intenções dos migrantes acarretaram uma divisão socioeconômica no Estado de Goiás.

No estado de Goiás, a divisão marcada pela isoglossa é reforçada pelos níveis cultural e econômico. A descrição da condição do Estado de Goiás feita por Jurandyr Pires Ferreira, presidente do IBGE em 1958 – concomitante à época da construção de Brasília, portanto -, atesta esse fato:

Goiás, como irão apreciar, divide-se nitidamente em dois tipos de civilização. Aquela que se desenvolve ao sul recebendo o influxo do Triângulo Mineiro e a influência paulista, e o norte, cujas dificuldades de comunicação têm criado uma formação econômica isolada e em grande parte marginal. Na transição das duas zonas se sente uma espécie de barreira política onde se entrelaçam mentalidades diversas, formações éticas diferentes e até mesmo conceitos de vida diferenciados (...). Hoje se estão construindo estradas de rodagem no estado de Goiás em razão da mudança da capital da República para Brasília (Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1958, pp. 5, 7).

No entanto, as diferentes influências ajudaram a compor, também, as variedades linguísticas do Estado. O trabalho do dialetólogo Antenor Nascentes demonstra esse fato. A figura 1, a seguir, reproduz as isoglossas traçadas pelo pesquisador após sua viagem pelo Brasil, publicadas pela primeira vez em *O linguajar carioca*, edição de 1922.

Figura 1: Isoglossas do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953, p. 18)



Para a constituição das isoglossas, Nascentes (1960, p. 40) tomou basicamente dois aspectos do Português Brasileiro como critério de classificação: a pronúncia das vogais e a entoação. Dois aspectos se destacam no dialeto *baiano*: (i) as linhas que demarcam os limites estaduais de Goiás, Minas Gerais e Bahia não coincidem com os limites das isoglossas; ou seja, esses Estados ficaram divididos linguisticamente.

Como visto, o trabalho de demarcação das isoglossas empreendido por Nascentes levou em consideração apenas o nível fonético-fonológico. Além disso, o trabalho desse dialetólogo foi realizado nas décadas iniciais do século XX. A situação de isolamento geográfico e de subdesenvolvimento socioeconômico que caracterizava a região Centro-Oeste na ocasião das pesquisas de Nascentes existe em grau menos acentuado no início do século XXI. O desenvolvimento socioeconômico do estado de Goiás proporcionado pela mudança da Capital Federal para a região se constitui em um fator a ser reconsiderado em pesquisas contemporâneas que envolvam os aspectos linguísticos da região.

O presente projeto, *Isoglossas da fala goiana na fronteira Goiás–Bahia*, se justifica por buscar demarcar as isoglossas da fala goiana na região fronteira com o estado da Bahia. Pretende-se traçar uma linha delimitadora entre os dialetos goiano e baiano no estado de Goiás, considerando-se o nível lexical e também fonético-

fonológico. Nesse caso, buscar-se-á analisar não apenas os dados das cidades que fazem fronteira com a Bahia, mas também dados de cidades que se situam um pouco mais distantes da fronteira, visto que as isoglossas geralmente não coincidem com os limites geográficos.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Registrar e descrever fonética e fonologicamente os falares das regiões de fronteiras do estado de Goiás com o estado da Bahia e demarcar lexicalmente as isoglossas do dialeto goiano nessa região.

3.2 Específicos

Registrar as influências do dialeto baiano na fala goiana;

Estabelecer um mapa linguístico da região de fronteira Goiás/Bahia;

Verificar a redefinição linguística causada pela migração e desenvolvimento socioeconômico da região nas décadas finais do século XX;

Descrever a historiografia sociolinguística da região.

4. METODOLOGIA

Para a execução da pesquisa, serão adotadas duas metodologias de coletas de dados: a metodologia dialetal e a metodologia sociolinguística. O desenvolvimento deste projeto será executado em quatro momentos: preparação da pesquisa, execução dos inquéritos, exegese e análise dos materiais recolhidos, divulgação dos resultados obtidos.

Segundo Cardoso (2010, p. 25), existem dois aspectos fundamentais que configuram a gênese da dialetologia: “o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas (...)”. A tradição da dialetologia com seu enfoque diatópico foi enriquecida pela contribuição que a sociolinguística trouxe para os estudos da heterogeneidade linguística. Embora a dialetologia e a sociolinguística se caracterizem por ter como objetivo maior o estudo da diversidade linguística, Cardoso chama a atenção para as especificidades de cada uma:

A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. A dialetologia tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico (CARDOSO, 2010, p. 26).

A pesquisa sociolinguística requer muitos cuidados. Esses cuidados são empecilhos a mais para um pesquisador que precisa de uma grande quantidade de material. Coletar dados numa entrevista direta pode ser muito problemático, por exemplo, pode tirar a naturalidade da situação de fala. Por outro lado, para quem precisa de muito material é uma solução interessante. O sociolinguista precisa controlar o fluxo da informação prestada. Muitas vezes interessa provocar certas ocorrências fonéticas ou sintáticas, nessas circunstâncias a conversa espontânea gravada não se aplica totalmente. É necessário o controle direto do entrevistador.

A presença evidente ou não de um aparelho registrador da conversa deve ser considerada em cada situação. Muitas são as situações em que o entrevistado se inibe pela visão do aparelho, ou que ele tente camuflar o registro linguístico de seu uso cotidiano. Os aparelhos não podem sob qualquer hipótese apresentar falhas durante a entrevista. A atitude de interromper a conversa pode destruir todo o trabalho já preparado. Aparelhos e entrevistadores devem ser testados completamente antes de se começar um trabalho de coleta. O aparelho não deve falhar, e o entrevistador deve saber precisamente o que deve fazer.

Cabe assim ao entrevistador achar um meio de envolver o entrevistado, desinibi-lo, tornar sua fala importante em si mesma. Muitos teóricos, inclusive William Labov, aconselham o entrevistador a forçar o entrevistado a narrar fatos, sobretudo sua história de vida, ou mesmo uma experiência vivida. Nesses casos, o entrevistado se desvencilha das inibições envolvendo-se nos fatos por suas emoções.

O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguista, como afirmamos, deve coletar: 1. Situações naturais de comunicação linguística e 2. Grande quantidade de material, de boa qualidade sonora. (...) A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências

8 ANOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
10 ANOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
11 ANOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
+/- 15 ANOS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
TOTAL	6	60									

Condições gerais a serem observadas sobre os informantes: ser natural do lugar e não ter se afastado daí por mais de 1/3 de sua vida; ser filho de naturais da localidade ou, pelo menos, da mesma região. Faremos o possível para preencher todas as faixas etárias e escolaridade.

4.3 Questionário

O questionário compreenderá perguntas sobre a terra, o povo, a história dos municípios, cultura local, alimentação, chuva e plantas.

As três formas de coletar as informações de um interlocutor:

- I. Entrevista estruturada: perguntas pré-elaboradas pelo inquiridor e seguem uma linha de raciocínio definida. Nela o informante é induzido a falar o que o inquiridor tiver interesse.
- II. Outra forma chamada Depoimento: o informante fala livremente sobre determinado tema sem a interferência do inquiridor.
- III. A última é a entrevista semi-estruturada, perguntas que dão margem ao inquirido falar sobre algo que não ocorreu ao inquiridor.

Nessa parte interessa ao inquiridor saber a história da localidade. Histórias sobre pessoas atípicas e coisas diferentes: fantasmas, deficientes físicos, milagres, padres bravos, prefeitos corruptos, mulheres bonitas, homens matadores, assassinatos violentos, patricídio e matricídio, assassinatos do cônjuge, homossexuais famosos na localidade, animais e seus donos.

Pessoas que mudaram de religião, da família ou não.

A) Fonético-Fonológico

Noite, dia, ano, sol, amanhã, sábado, calor, árvore, planta, estrada, passagem, real/reais, rua, poça, desvio casa, terreno, correio, cinema, clube, prefeito, escola, colegas, giz, hóspede, Brasil, pernambucano, soldado, bandeira, advogado, procissão, Santo Antônio, pecado, olho, orelha, ouvido, dente, coração, fígado, peito, joelho, pés, rouca, voz, caspa, banho, afta, desmaio, vômito, homem, mulher, família, tio, comadre, compadre, genro, alto, baixa, único, bonito, inocente, doido, esquerdo, certo, velho, prateleira, vidro, pneu, placa, televisão, caixa, tesoura, borracha, perfume, caminha (cama), travesseiro, lâmpada, luz, elétrico, torneira, ímã, anel, coroa, presente, calção, braguilha, meia, sandália, fósforo, fumaça, pólvora, canoa, andando, seguro, trabalhar, emprego, a gente, união, defesa, deve, pego, beijar, morreu, sorriso, sobrinho assobio, encontrar, perdido, perguntar, sair, admiração, fecha, barulho, varrer, rasgar, muito, mesmo, paz, obrigado, mentira, amar, três, número, devagar, tarde, azul, almoço, ruim, arroz, gordura, grelha, peneira, colher, botar, fervendo, sal, cominho, cebola, abóbora, casca, clara gema, manteiga, ovelha cavalo, montar, fazenda, administrador/ admissão, ferida, aftosa, elefante, borboleta, abelha, mel, carniça, peixe, rato, teia.

B) Semântico-lexical

Geografia

Córrego, pinguela, foz, redemoinho (de água), onda de rio, onda de mar, terra umedecida pela chuva.

Fenômenos

Redemoinho (vento), relâmpago, raio, travão, temporal, nomes específicos para temporal, tromba d'água, garoa, chuva de pedra, arco-íris, orvalho, nevoeiro, estiar, nascer(do sol), pôr (do sol), alvorada, crepúsculo, estrela matutina, estrela vespertina, estrela cadente, via Láctea, amanhecer, entardecer, anoitecer, meses do ano, meses com nomes especiais, ontem, anteontem, trasanteontem.

Flora

Tangerina/mexerica, amendoim, camomila, penca, banana dupla, parte terminal da inflorescência da bananeira.

Agropastoris

Espiga, sabugo, soca/touceira, girassol, vagem do feijão, moinha, mandioca/aipim, mandioca, carrinho de mão, hastes do carrinho de mão,

cangalha, jacá, bolsa, canga, borrego, cordeiro, fêmea que está para dar cria, perda da cria, égua velha, trabalhador de enxada em roça alheia, picada, trilho.

Fauna

Urubu, colibri, João-de-barro, galinha-d'angola, papagaio, sura, cotó, gambá, patas dianteiras do cavalo, crina da cauda, lombo, anca, chifre, um só chifre, cabra sem chifre, boi sem chifre, úbere, rabo, manco, mosca varejeira, sanguessuga, libélula, bicho de fruta, coro, pernilongo.

Corpo humano

Pálpebras, nuca, pomo-de-adão, clavícula, seios, útero, calcanhar, tornozelo, rótula, cócegas, dentes caniços, dentes do siso, dentes molares, desdentado, fanhoso, cisco, cego de um olho, vesgo, míope, terçol, conjuntivite, catarata, soluço, meleca, corcunda, canhoto, pernetas, manco, pessoa de pernas arqueadas, axila, cheiro nas axilas, vomitar.

Cultura e convívio

Pessoa tagarela, pessoa pouco inteligente, pessoa sovina, mau pagador, assassino pago, posseiro.

Ciclos da vida

Menstruação, entrar na menopausa, parteira, dar à luz, gêmeos, aborto, abortar, ama-de-leite, irmão de leite, filho adotivo, filho mais moço, menino, menina, acompanhante dos namorados, marido enganado, prostituta, defunto, madrasta, xará.

Religião e crenças

Diabo, fantasma, feitiço, amuleto, benzedeira, benzedor, curandeiro, medalha, presépio.

Festas e divertimentos

Cambalhota, bolinha de gude, estilingue, papagaio de papel, pipa, esconde-esconde, cabra-cega, pega-pega, ferrolho, chicote-queimado, gangorra, balanço, amarelinha, pessoa que age com desonestidade no jogo, pessoa que tem sorte no jogo, pessoa sem sorte no jogo, bom jogador, mau jogador, pessoa que dança muito bem.

Habitação

Tramela, veneziana/tampo, fuligem, isqueiro, lanterna, borralho.

Alimentação e cozinha

Carne moída, empanturrado, glutão, bêbado, cigarro de palha, toco de cigarro, aguardente, bodega.

Vestuário

Sutiã, cueca, calcinha, rouge, grampo (com pressão), grampo (sem pressão), sinaleiro, lombada, calçada/passeio, meio-fio, rotatória, lote/terreno/data, bala/confeito/bombom, pão francês, pão bengala, ônibus/coletivo/circular/jardineira.

C) Morfossintático

Artigo (com nome próprio)

Dos filhos, dos parentes, dos vizinhos.

Substantivos

Gênero de palavras

Alemão, ladrão, marido, chefe, presidente

Casos de plural

Lápis, anéis, mãos, chapéus, faróis, flores, aventais, pães, olhos, leões.

Pronomes

Eu/mim, tu/você, você/a gente, nós/a gente, eles/os meninos/o pessoal.

Contração de preposição e pronome

Com mais eu, com mais nós, com a gente.

Situação

Eu mais você.

Verbo

A partir da entrevista livre verificar: uso do imperativo, do pretérito imperfeito, do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.

D) Pragmática

jazinha; bem aqui; moco etc.

4.4 Entrevista

Em se tratando de uma pesquisa sem um direcionamento específico, mas de caráter descritivo geral, deve-se obter gravações de muitos informantes de todas as

faixas etárias, classificadas por sexo, nível de instrução, contato com outras comunidades, contatos com veículos de comunicação de massa etc.

Após a localização do informante, o entrevistador o encontrará em seu local de vivência, preferencialmente em suas residências, mas nada impede que se façam entrevistas em locais de encontros coletivos como igrejas, escolas, bares, desde que as condições de ruídos possam ser controladas. Os municípios serão contactados e solicitados a colaborarem com o projeto.

5. PLANEJAMENTO (Cronograma geral da pesquisa)

Atividade	2013								2014				
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Fazer a coleta de dados.	X	X	X										
Executar as atividades de análise.				X	X	X	X	X					
Concluir as análises, escrever os ensaios com os resultados e publicá-los.									X	X	X	X	X

8. REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de & MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba*. João Pessoa, UFPB, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos dialetais no nordeste brasileiro*. In: Revista Philologus, Ano 4, Nº 10. [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)28-41.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)28-41.html). Acesso: 26.04.2013.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central: Eco-história do distrito federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Solo, 1994.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4.500 anos de história*. Goiânia: Kelps, 2005.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Vol. XXXVI. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

KOERNER, Konrad. *Toward a history of American Linguistics*. London; New York: Routledge, 2002.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília, 2008. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.^a Ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

SILVA, Thaís Cristófaró. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo, Contexto, 1999.

TARALO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1997. Série Princípios.